

BAHIA DE TODOS OS CANTOS



TERRITÓRIOS DE IDENTIDADE

Mobilidade urbana,
desenvolvimento sustentável
e iniciativas que
redescobrem a Bahia.

Página 14

DE PERTO

No Comando: o hip hop
mostra que o som da periferia
está em toda parte.

Página 8

ENTREVISTA: Carlos Amorim sugere estratégias para o Centro Antigo de Salvador



COM DECISÃO E TRABALHO.

É ASSIM QUE A BAHIA E OS BAIANOS ESTÃO VENCENDO A CRISE.

Mesmo com a crise, a Bahia cresceu. E decisão e trabalho foram peças fundamentais para esse resultado. O Governo está investindo mais de 3 bilhões em obras que geram mais oportunidades de trabalho e renda, estimulam o consumo e aquecem a economia. Segundo dados oficiais, no primeiro semestre de 2009, a Bahia apresentou um desempenho superior em relação ao mesmo período do ano passado. A construção civil cresceu 10,5%, o setor de serviços cresceu 3,3% e o crescimento do PIB foi de 0,64% enquanto que no resto do País foi negativo.

Em 2009, a Bahia gerou 44 mil novos empregos com carteira assinada. Essa realidade aponta que, até o fim deste ano, a nossa economia vai crescer ainda mais. Porque a capacidade de decisão e o trabalho vão continuar fortalecendo a Bahia, gerando mais emprego e renda para os baianos. É o Governo fazendo mais para quem mais precisa.



Secretaria do Planejamento



Região Metropolitana de Salvador

2

REVISTA BAHIA DE TODOS OS CANTOS

Uma publicação do Governo do Estado, através da Secretaria de Cultura, Secretaria de Planejamento e Casa Civil.

Tiragem: 20 mil exemplares

Impressão: Empresa Gráfica da Bahia

Distribuição gratuita

GOVERNADOR

Jaques Wagner

SECRETÁRIA DA CASA CIVIL

Eva Maria Dal Chiavon

SECRETÁRIO DE PLANEJAMENTO

Walter Pinheiro

SECRETÁRIO DE CULTURA

Márcio Meirelles

DIRETOR - GERAL DA EGBA

Luiz Gonzaga Fraga de Andrade

DIRETOR DE PLANEJAMENTO TERRITORIAL

Benito Juncal

DIRETOR DA FUNDAÇÃO PEDRO CALMON

Ubiratan Castro de Araújo

CONSELHO EDITORIAL

André Santana (FPC), Ana Romero (EGBA),

Cyntia Nogueira (SECULT), Pablo Barbosa (SEPLAN)

EXPEDIENTE

JORNALISTA RESPONSÁVEL

Vânia Lima | DRT 2170

PAUTA

Jan Penalva, Carla Bahia, Carol Ferrari, Zezão Castro e Vanessa Francisco

PRODUTORES

Cristiano Moraes e Bruno Ramos

REPORTAGENS

Jan Penalva, Carla Bahia, Zezão Castro

EDIÇÃO

Vânia Lima | DRT 2170

DIREÇÃO FOTOGRÁFICA | FOTOS

Mateus Pereira

PROJETO GRÁFICO ORIGINAL

Frederico Filho

PROJETO GRÁFICO ATUAL

André Portugal

DIREÇÃO DE ARTE

Aline Cerqueira e Juliana Lima

REVISÃO

Rita Canário

REALIZAÇÃO

Lima Comunicação

BAHIA DE TODOS OS CANTOS

EDITORIAL

A 1ª edição da Revista Bahia de Todos os Cantos chegou às mãos dos baianos dos diversos territórios de identidade, através de bibliotecas públicas ou escolares, dos conselhos de desenvolvimento territorial e de gestores públicos. A recepção foi excelente. Muitos elogios e olhares curiosos diante das histórias de vida e de trabalho dos cidadãos.

Buscando oferecer um produto cada vez mais condizente com a beleza e importância da Bahia, a equipe editorial se reuniu, discutiu, ouviu comentários e críticas e elaborou um novo conceito editorial, mantendo o relato do cotidiano dos baianos e incluindo os marcos históricos e modelos de desenvolvimento de cada território.

Esse acréscimo exigiu uma reformulação do projeto gráfico, valorizando as cores e formas da diversidade do estado. Assim, essa 2ª edição reflete a evolução do projeto e atesta o desejo de acompanhar o desenvolvimento que a Bahia vem experimentando nos últimos anos.

Neste segundo número, os Territórios de Identidade Região Metropolitana de Salvador, Baixo Sul e Recôncavo são apresentados a partir das oportunidades que o novo modelo de desenvolvimento econômico e social proposto pelo Governo do Estado cria para os baianos.

São histórias de empreendedorismo, projetos ambiciosos, a exemplo da construção do Pólo Naval e da revitalização do Centro Antigo de Salvador, bem como entrevistas com protagonistas de manifestações culturais tradicionais e modernas.

Personagens como Nem Cardim, artista baiano, natural de Valença, que ganhou o mundo com suas esculturas, e a diarista Nilza Oliveira, que emigrou do município de São Gonçalo dos Campos para o território Região Metropolitana de Salvador, tendo como expectativa a ascensão profissional. Ainda conheceremos um pouco da cultura hip hop, a história dos saveiros e a receita inusitada e deliciosa de moqueca de banana da terra com camarão e carne de jabá.

São histórias e relatos de uma Bahia múltipla, mas unida pelo sentimento dos baianos de crescerem junto com o desenvolvimento do estado, de garantirem melhores condições de vida para seus familiares e, assim, contribuírem para a geração de riquezas econômicas e culturais. Para a edição de final de ano, nossa equipe está preparando uma surpresa para você, leitor. Aguarde.

Boa leitura!



ENTREVISTA



DE PERTO



CULTURA É O QUÊ?



CIRCULANDO

6

8

26

30

Perfil 12

Inspirado pelas escunas do Baixo Sul,
Nem Cardim mostra ao mundo que a natureza é arte.





CAUSOS E COISAS

Você conhece a história da Ilha do Medo? E da Vovó do Mangue? Confira esses “causos” e descubra quem é Jája da Cachoeirinha.

32

MURAL

Confira os destaques do Mural: moqueca de banana, jabá e camarão, um candomblé eletrônico e o carrinho de café espelhado.

34

PONTO DE VISTA

Estudantes discutem um tema polêmico: a capital da Bahia é uma metrópole ou uma província?

36

ARTIGO

A coordenadora do Escritório de Referência do Centro Antigo de Salvador, Beatriz Lima, fala sobre o plano de reabilitação da área.

38

Territórios 14

Navegue pela diversidade do Baixo Sul, da Região Metropolitana de Salvador e do Recôncavo para descobrir quão singulares são as suas identidades.



O maior Centro Histórico preservado da América



Foto: Carlos Souza

O grande desafio da Bahia é garantir a harmonia da dualidade que existe na relação da capital, Salvador, com sua área metropolitana e cidades vizinhas. Esta é a visão do arquiteto Carlos Amorim, superintendente regional do Instituto do Patrimônio Histórico Nacional (Iphan). À frente do órgão desde novembro de 2008, ele acredita que a cidade é, ao mesmo tempo, centro metropolitano industrial e centro metropolitano cultural. Nesta entrevista, Amorim chama a atenção para o maior conjunto arquitetônico da América Latina, o Centro Histórico de Salvador, e para todo o rico patrimônio da Bahia. “O que se fez aqui nos séculos XVIII e XIX foi boa parte do que foi produzido naqueles séculos como riqueza da humanidade em termos culturais.”

Ao longo da história, como tem sido a relação do estado da Bahia (governos e sociedade) com o seu rico patrimônio?

A relação da sociedade com esse acervo é de aproximação e afastamento, ou de amor e ódio. Durante muito tempo, o Centro Antigo foi o centro nevrálgico da vida econômica e social da cidade. Depois perdeu o espaço para a área do Comércio, o que coincide com uma fase de degradação intensa da ocupação do Centro Antigo. Mas, a partir da criação do Iphan – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, em 1937, logo no ano seguinte começaram os investimentos. De uma forma geral, a sociedade tem apreço pelo Centro Histórico, mas é muito importante que a sociedade saiba geri-lo, zelar por ele. Fora do Brasil, quem tem um centro histórico que é patrimônio da humanidade faz disso uma louvação sem fim. Se você chegar numa cidade que seja patrimônio da humanidade, a coisa mais importante da vida daquela cidade, independentemente da atividade econômica, é o fato de ela ser patrimônio da humanidade. Nós não temos ainda essa consciência de que possuímos o Centro Histórico preservado mais importante do Brasil e o maior da América. São três mil imóveis, no mínimo, naquela região. Não vamos mudar a mentalidade por decreto, nem com atos autoritários, porque são tempos de diálogos intensos. E de respeitar a distribuição federativa. A União tem suas responsabilidades, o Estado tem as suas e o Município, também. No caso do Centro Antigo, discutir o uso é muito importante. É evidente que certos usos não são adequados à preservação. Não há motivo para insistir em um modelo de grandes eventos, com massa de população, de veículos, de artefatos eletrônicos, em uma área cujo equilíbrio é particularmente delicado. Mas isso não vai se resolver com um simples ato de vontade imperial, e sim num processo de discussão com a sociedade.

Há um debate muito atual, em diversas partes do mundo, sobre a necessidade de preservação dos centros antigos. Quais as experiências, nacionais e internacionais, de maior êxito, que o senhor pode destacar?

Há experiências muito exitosas na América, particularmente no Chile e no Peru. Mas isso não elimina o fato de que todos os centros sofrem profundas pressões e que nas cidades brasileiras em particular, independentemente dos centros antigos ou não, a própria ideia de centralidade traz consigo uma série de desvantagens, como a questão de uso marginal, das drogas, da falta de segurança, que são problemas muito complicados. Em se tratando de áreas históricas, isso acontece em outros lugares, como Ouro Preto (MG).

Que outros centros históricos de cidades baianas precisam de atenção e preservação?

O Centro Antigo de Cachoeira, após o de Salvador, é o mais importante da Bahia. Inclusive pela quantidade de imóveis individualmente tombados, que são mais de 35, fora todo o conjunto. O conjunto paisagístico arquitetônico de Lençóis, na Chapada Diamantina, é maravilhoso. Também o centro de Rio de Contas, que é a fronteira de preservação em direção ao Oeste. Rio de Contas é uma cidade extraordinariamente importante para a cultura da Bahia. Tem um conjunto arquitetônico belíssimo, inteiramente preservado. Há um centro histórico que tem outra característica muito particular, que é Igatu, um distrito de Andaraí, magnífico, com uma ocupação do início do século XIX, que está precisando de alguns cuidados, mas está indo muito bem, a população está muito envolvida. Há alguns problemas que merecem atenção nos municípios de Porto Seguro e Santa Cruz Cabrália. Mas os pequenos centros antigos, que estão preservados, guardam certa integridade. Há uma mobilização nas cidades da Chapada por recuperação, como em Mucugê, por exemplo. É uma cidade em que o conjunto inteiro é tombado, é um centro histórico. Outro conjunto importante é o de Monte Santo, e estamos na iminência de fechar os estudos para o tombamento do centro histórico da cidade de Cipó, que é um exemplar importante do Art Déco na Bahia e no Brasil. Seria o primeiro centro no estilo que protegeríamos federalmente no nosso estado.

Quais as estratégias fundamentais para tornar o Centro Antigo de Salvador uma experiência autosustentável?

É preciso que o município cumpra o seu papel na regulação dos usos, na conservação e hierarquização das vias e na limitação do tráfego. E que o Estado cumpra o seu papel na formulação de programas de planejamento que possibilitem resolver os problemas estruturais do Centro. Nossa ideia são alternativas que possibilitem maior mobilidade, ou seja, tráfego e trânsito entre a Região Metropolitana de Salvador, os municípios metropolitanos e produtivos e o Centro Antigo, que inclui o Centro Histórico tombado e mais as áreas tombadas pelo Estado, além daquelas protegidas

pelo Município. Também estamos aprofundando a discussão sobre a regulação das formas de uso, junto ao Estado e ao Município, e abrindo uma discussão nova com os detentores do capital imobiliário, porque a realidade de Salvador é o capital imobiliário. Nós precisamos atrair para a área do Centro Antigo esses detentores do capital imobiliário. Salvador não tem uma atividade industrial relevante, de forma que para eles seja interessante investir na área central, sabendo que ela tem muitas limitações por causa do seu valor histórico. Mas, de outra parte, em qualquer lugar do mundo, investir na área que é culturalmente privilegiada é um privilégio para grandes grupos econômicos e para projetos que têm grande repercussão.

Como este Centro Antigo se articula com a dinâmica contemporânea da Cidade, capital do Estado, que busca expansão, modernização e atender ao crescimento das demandas de serviços?

Salvador é uma cidade que tem uma extensão territorial muito pequena. Tem uma densidade populacional altíssima e, evidentemente, problemas sérios de expansão. Já não tem nenhum tipo de atividade industrial relevante, exceto as atividades portuária e aeroviária. Temos uma vocação cosmopolita para o turismo cultural, o que se chama na Europa de turismo patrimonial. O acervo é extraordinário. Salvador é sede de três bens registrados como patrimônio imaterial nacional – a capoeira, o samba de roda e o ofício de baiana de acarajé. Sendo que o samba de roda do Recôncavo baiano, do qual Salvador é uma das sedes, é patrimônio da humanidade. Então, a Bahia tem um acervo que é sedutor, envolvente. Para que tenha consequência econômica, precisamos que se harmonize à metrópole cultural, que envolve Itaparica, o itinerário do Paraguaçu, Baixo Sul baiano, Jaguaripe, Nazaré, Cairu, com a região metropolitana contemporânea industrial–Camaçari, Mata de São João, Pojuca, Lauro de Freitas, Simões Filhos, Candeias, São Francisco do Conde. Se conseguirmos fazer essa equação funcionar de maneira articulada, teremos resultados muito relevantes para o Estado, que detém o maior acervo brasileiro, a maior quantidade de conjuntos arquitetônicos protegidos em todo Brasil. ■

“Nós não temos ainda essa consciência de que possuímos o Centro Histórico preservado mais importante do Brasil e o maior da América.”



Foto: Carlos Souza



Na veia:

Noite de terça-feira na Praça da Sé, em Salvador. Os tambores do Olodum se fazem ouvir por todo o Pelourinho. Turistas e moradores balançam ao som do samba-reggae. No meio da turma que se diverte, um grupo se destaca. Calças largas com cintura baixa, camisas com estampas grafitadas e grandes correntes. De repente, as batidas de timbales e tambores parecem ter sido silenciadas. O som do hip hop invade as vielas do Centro Histórico de Salvador, com uma música que mistura protesto e arte.

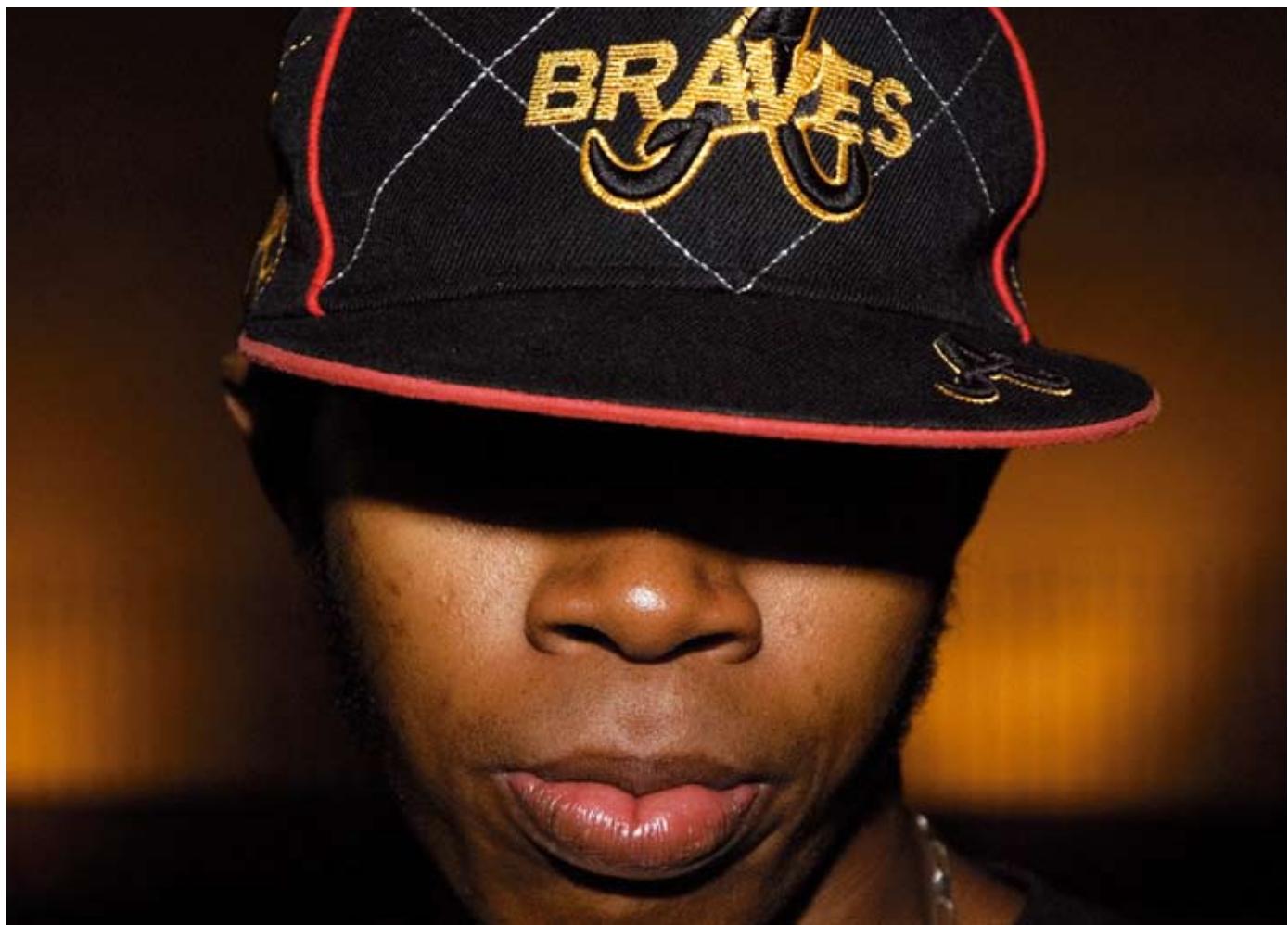
Os b-boys que dançam no Pelourinho são apenas um dos quatro elementos do movimento. Os outros são o rap, o grafite e o DJ. "Não fazemos hip hop apenas por diversão. A união desses elementos atinge um objetivo muito maior, que é mobilizar e conscientizar as comunidades", explica o DJ Branco, coordenador do coletivo CMA Hip Hop.

Através da palavra falada (utilizada pelos rappers), das artes visuais (dos grafiteiros), do estilo de vestir e de dançar (b-boys), o hip hop consegue atingir um grupo de pessoas que normalmente não se veem representadas pela indústria cultural. "E tudo serve de combustível para a realização de outras atividades, a exemplo de conferências, debates e festas. O CMA Hip Hop, por exemplo, é especialista em comunicação. Por isso criamos rádios comunitárias e informativos impressos, que abordam assuntos de interesse das comunidades", conta o DJ.



Acima, **Anderson Break**, recordista mundial de "head spin". À esquerda, os grafiteiros, que se consideram uma "evolução" da pichação.

protesto e arte no hip hop baiano



MC Udogg: letras que falam da realidade da periferia.

Breaking boys

O coletivo que comanda as noites de terça-feira na Praça da Sé é o Independente de Rua, do subúrbio ferroviário. Mas o encontro no Centro Histórico chega a reunir 400 jovens, que vêm de outros bairros ou mesmo de outras cidades. "Temos cerca de 12 grupos de break-dance em Salvador. Essa história começou em 1984, no bairro de Periperi, quando o coletivo 'Galera Dance do Break' começou a fazer bailes funks no local", conta Ananias Break (apelido de Luís Augusto Santana), líder do Independente de Rua.

Ananias é um dos maiores nomes do break-dance do país. Foi convidado para dar palestras nos EUA, falando sobre a situação do movimento na Bahia. Além disso, possui o recorde mundial de head spin (giro no chão, com apenas a cabeça encostada no solo), com quatro minutos e 32 segundos. "O break é uma paixão, não só para mim, mas para toda esta garotada aqui. Precisamos evoluir constantemente, não dá pra fazer sempre a mesma coreografia", explica o coreógrafo.

Mestres-de-cerimônia

As músicas cantadas pelos rappers servem de veículo para as mensagens carregadas de críticas. Mas os próprios MCs (mestres-de-cerimônia), como também são chamados os rappers, são protagonistas das histórias contadas nas letras de suas músicas. O MC Udogg, do grupo Tudo em Mente, é um exemplo. Antes de entrar para a banda, o jovem de 18 anos ganhava respeito por andar com traficantes no bairro de Pernambués. "A partir do momento em que comecei a ouvir o rap, me identifiquei. Me dei conta de que os rappers não estavam falando do dia-a-dia de pessoas que não existem. Eles estavam falando de mim!", conta. "Percebi que não quero fugir da polícia a vida toda. Aí comecei a estudar o rap, a ler sobre a história do hip hop", explica.

A mudança surtiu efeito. Em abril de 2008, o artista entrou para o "Tudo em Mente" e passou a ser respeitado no bairro pelas letras que compõe. "A periferia precisa disso, de alguém que fale o mesmo idioma que a gente", conclui.

Caboclos, símbolos



Emanoel Brito e os filhos, vestidos de "caboclos": referência a um estandarte nacional

Todo ano, no dia 25 de junho, a pequena Naiara Serra, de dez anos, acorda cedo e se arruma para acompanhar o estiramento das bandeiras do Brasil, da Bahia e de Cachoeira, em frente ao antigo prédio de Câmara e Cadeia do município. Os estudantes do Educandário Cachoeira ensaiam toda quarta-feira, se prestando para a Festa da Independência. "Além de aprendermos o hino, nós também estudamos música", conta Naiara. O grupo abre o desfile cívico que inicia as homenagens aos heróis das batalhas pela emancipação brasileira.

Desde 2008, no dia 25 de junho, data máxima da festa, Cachoeira se torna a capital da Bahia. Por meio de decreto, o governador transfere a sede do governo para a cidade, reconhecendo o heroísmo dos cachoeiranos na luta pela Independência.

Já na noite de São João, algumas filarmônicas de Cachoeira acompanham o desfile da imagem do caboclo, símbolo da Independência da Bahia, pelas ruas de cidade, enquanto outras bandas trazem uma cabocla de São Félix pela ponte D. Pedro II. A estudante Naiara Serra descreve o momento: "As pessoas vão andando ao redor do caboclo, cantando e até chorando. Tem gente de todas as idades; tem criança vestida de índio. Muita gente fica emocionada. Eu também, porque todo mundo acha que o caboclo protegeu a cidade na hora das guerras e que protege ainda hoje."

Caboclo: símbolo de brasiliidade

Apesar da presença marcante de negros escravos nas batalhas, a figura do caboclo é o grande símbolo da resistência baiana. De acordo com a

professora de história da Universidade Federal da Bahia, Wlamyra Albuquerque, "naquela época, o Romantismo elegeu o índio como símbolo do Brasil. Ele significa uma nação independente da matriz europeia. É a apropriação cultural-política do índio como estandarte nacional".

Mas isto não significa que os índios ficaram ausentes das batalhas. "Muitos embates aconteceram em Itaparica, devido a sua localização estratégica, de frente para a Baía de Todos os Santos. A presença de índios nas tropas brasileiras reforçava a ideia de que a nação se justifica nesta matriz indígena", explica a historiadora.

E é mesmo em Itaparica que este orgulho indígena se mostra mais forte. No município fica a sede da Associação Cultural Grupo Indígena Os

legítimos da Independência

Guaranys, criada em 1939 para representar o povo itaparicano, que participou das batalhas pela Independência. São cerca de 70 componentes, que todos os anos vão para a festa do 2 de Julho, em Salvador. "O calor e o cansaço não incomodam, apesar de fazermos o percurso descalços. Quando vestimos aquelas roupas, os cocares e braceletes feitos com penas de ema ou de avestruz, nos transformamos. Somos tomados por um orgulho tão grande de sermos itaparicanos que nada mais importa", fala Emanoel Brito, presidente do grupo. Toda a família se envolve com a festa, inclusive os filhos, de 10 e 15 anos, e a esposa, Regina. A matriarca da casa faz questão de preparar e costurar ela mesma as fantasias. "Tenho orgulho de participar, orgulho de ver minha família reviver a história de nosso povo."

Da costura das fantasias (direita) ao desfile pelas ruas de Salvador, toda a família Brito (abaixo) se envolve com as comemorações da Independência.

“O Romantismo elegeu o índio como símbolo do Brasil. Ele significa uma nação independente da matriz europeia”



Artista plástico Nem Cardim: mariscando ideias e fazendo arte

Inspirado pelas escunas
do Baixo Sul, o artista criou
uma “arte naval reciclável”

Nem em ação: desejo de fazer o
público refletir e imaginar significados
diferentes para as esculturas



Aos 35 anos, Florisvaldo Cardim do Nascimento Filho, simplesmente conhecido como Nem Cardim, soube traduzir nas suas esculturas de madeira reciclada as origens identitárias de Valença, principal metrópole do Território do Baixo Sul. Rosto de caboclo, jeitão meio calado, desde menino, quando estava na casa da avó, à beira do Rio Una, ficava magnetizado pelas esculturas de madeira que enfeitavam os numerosos barcos e escunas.

A mente voava, os sonhos do menino também. Aos 13 anos faz sua primeira escultura, com prego e martelo: um Santos Dummont, pendurado até hoje na parede da casa simples onde mora. Seu ateliê é o chão de terra do quintal, sua galeria as paredes da modesta residência, de onde saem trabalhos incorporados a acervos na Alemanha, Inglaterra, Suíça e capitais brasileiras. Além disso, lembranças de outros artistas estão expostas, sem qualquer vaidade, em meio aos seus trabalhos.

Tudo começou na beira do rio. “Eu morava num bairro daqui chamado Tento e a casa da minha avó era em frente ao rio, então eu via as esculturas nos decks das escunas: peixes, sereias, e isso me incentivou a querer esculpir”, contou Nem, enquanto martelava um iguana gigante, esculpida num tronco de cedro caído. “Um amigo, quando viu a árvore caída, me ligou”, diz, rindo.

Valença, pela proximidade com a Mata Atlântica, é bem servida de frutas e mariscos. Na casa de Nem, no fogareiro do quintal, uma panela no fogo deixa exalar uma doce fumaça de doce de goiaba. Árvores servem para escorar numerosos instrumentos de marcenaria e carpintaria. A natureza contemplativa do artista é quebrada quando a filha pequena passa correndo, falando “papai”, no meio da entrevista. É o momento da gargalhada.

Um dia, andando na beira do mangue, ainda adolescente, Nem viu nas tralhas de embarcações deixadas no lamaçal das margens do Rio Una: lemes, bóias, quilhas, cavernas, bóias de vidro e hélices formando novas composições. Assim, como quem procura guaiamum saindo da loca, ele mariscou um novo padrão artístico de arte naval e reciclável, sendo já uma referência neste tipo de concepção artística.



Nem cita como influências maiores Pablo Picasso e Salvador Dalí. No Brasil, Cândido Portinari e Di Cavalcante. Sobre seu processo criativo, salienta que a ideia inicial é fazer com que as pessoas possam refletir não somente a respeito da preservação da natureza, mas que imaginem novas ideias no seu trabalho, que cada um veja algo diferente na peça.

A projeção inicial foi em 1992, quando passou a integrar as exposições dos salões de artes contemporâneas da Fundação Cultural do Estado da Bahia. Algumas menções honrosas depois e veio o prêmio oficial do júri. Em 2000, participou dos Salões de Artes Plásticas da Bahia, ganhando um prêmio da Fundação Cultural do Estado. Em 2002, ganhou o grande prêmio da Bienal do Recôncavo, sendo premiado com exposição em Berlim. Em paralelo ao reconhecimento no Estado, o trabalho de Nem cruzou fronteiras no Brasil e no mundo.

O reconhecimento, através dos prêmios e das matérias de jornal, o colocam em evidência também entre os locais. Prova disso é que, de vez em quando, pescadores (daqueles que ficam embarcados seis dias) costumam bater à sua porta: "Nem, achei uma bóia de vidro." Nessas horas, Nem olha o objeto, com sua calma

costumeira, vê as inscrições, se são em japonês ou chinês, e paga ao pescador. Nesse exato momento, uma nova obra tridimensional já se desenha na cabeça do artista

"Minhas criações fazem parte da minha cultura, da vivência na minha própria cidade, que tem a ver com as peças de barco, uma releitura da arte naval, porque é com o reaproveitamento de peças de saveiros, barcos e móveis antigos que eu as agrego e vou transformando em esculturas", explica. ■



As obras do artista Nem Cardim respeitam o meio ambiente e fazem fronteira entre o território e o mundo

“Minhas criações fazem parte da minha cultura, da vivência na minha própria cidade”



A Bahia em todos os cantos

A Bahia e seus 26 territórios se apresentam de forma ímpar, a cada edição da revista Bahia de Todos os Cantos.

Neste segundo número, nossa equipe conferiu de perto um novo modelo de desenvolvimento econômico e social que começa a produzir resultados em todo o estado. Nos territórios do Baixo Sul, Região Metropolitana de Salvador e Recôncavo, as histórias de vida são marcadas decisivamente por este novo momento.

Aceite o convite e descubra uma Bahia que produz muito e se reinventa. Boa viagem e boa leitura!



A fertilidade do Baixo Sul, o dinamismo da RMS e a vitalidade do Recôncavo





Empreendedores da terra

São quatro horas da manhã e José Ascendino, 61 anos, morador da Ponte do Meio, na zona rural de Taperoá, “joga um gole de café pra dentro” e parte para o rodão, espécie de moenda onde uma grande pedra mói os coquinhos de dendê. Ascendino vai até o pasto, ainda no escuro, pega o boi, põe a canga e começa a moagem. O ruído pétreo é um passeio no tempo. A moldura é um barracão coberto de palha, chão batido, paredes de barro. “Isso aqui já foi de meu avô, de meu pai, que deixaram de herança pra mim, e hoje eu continuo trabalhando em rodão”, sentencia Ascendino. “Já nasci com a cara aqui dentro”, conclui.

Quem olha para um tacho fervente de acarajé raramente pensa no caminho que percorreu aquele óleo que frita os bolinhos de feijão fradinho. Quem engana o estômago até filosofa: Se a baiana é um ícone da identidade de nosso estado pelo mundo, não seria exagero dizer que o dendê é o óleo da nossa identidade. Mas de onde ele vem? Distante de Salvador, nas matas e mangues do Baixo Sul, o velho dendzeiro, trazido pelos escravos, finca suas raízes ainda hoje, espalhando-se principalmente por Valença, Cairu, Nilo Peçanha e Taperoá.

Milhares de pessoas, assim como Ascendino e sua família, devem seu pão ao fruto amarelo, e agora outros milhares nutrem a esperança de ver os coquinhos virando

o tão falado óleo biodiesel. Funcionário do Ministério da Agricultura e responsável pelo serviço de extensão rural dos municípios de Taperoá, Nilo Peçanha e Cairu, Waldo Brito explica: “O Programa Biodiesel pretende dobrar a produção de dendê nos próximos oito anos, na sua utilização como matéria-prima do óleo diesel”; enquanto isso, os pequenos agricultores produzem a subsistência das suas famílias vendendo 18 litros de dendê por R\$ 20, sem saber que um potinho de 200 ml chega a R\$ 3 nos supermercados.

“É preciso agregar valor ao produto. É preciso manufaturar aqui na região e também realizar o escoamento”, declara o presidente da Federação Municipal das Associações de Moradores de Valença, Marcelo Borges, que considera “a agroindústria forte uma alternativa viável para o desenvolvimento do território”. Um bom exemplo disso é a empresa Óleos de Palma, que desde 1962 incentiva o plantio comprando a maior parte da produção dos agricultores familiares da região.

As palavras de Marcelo Borges fazem eco nas múltiplas utilidades do óleo de dendê, que além das moquecas e do acarajé, é utilizado na fabricação de margarina, manteiga vegetal, sabonetes, sabão em pó, detergentes, amaciantes de roupas e combustível para motores a diesel. Acreditando neste potencial, os Governos Federal e Estadual destinaram nos últimos cinco anos, segundo Waldo Brito, 400 mil mudas de dendê aos pequenos agricultores do Baixo Sul.

Baixo Sul, terra fértil e com todo o gás

Bom regime de chuvas, terra fértil e hospitalidade, tudo isso motivou a imigração dos japoneses há mais de 50





anos para o Território do Baixo Sul, na Bahia. Em Ituberá, a propriedade dos Miyamoto parece uma delicatessen de frutas raras encravada na Mata Atlântica. "Tenho 53 frutas diferentes aqui, incluindo a banana", brinca Hernesto Miyamoto, veterano agricultor de 71 anos. Rambutão, durião, mangostão e noni são algumas das suculentas e exóticas frutas. Há também sapota-do-peru, camu-camu e outras mais manjadas, como noz moscada, açaí, cupuaçu e guaraná, o que torna a cidade um dos principais polos nacionais.

Além da riqueza que brota da terra, o Baixo Sul exporta gás para a região Nordeste, desde janeiro de 2007. O marco desta nova realidade foi o início das operações comerciais do campo de Manati, na Bacia de Camamu. De acordo com a Petrobras, a oferta diária chega a 7,2 milhões m³/dia. A expectativa é de que até junho de 2009 a oferta seja de 10 milhões de m³/dia.

Boitaraca, quilombo de fibra

A Organização das Nações Unidas (ONU) proclamou o ano de 2009 como o Ano Internacional das Fibras Naturais. Mas no Quilombo de Boitaraca, município de Nilo Peçanha, todo dia é dia de fibra há séculos, principalmente piaçava, trançada aos costumes daqui desde tempos imemoriais.

A pequena vila, formada por cerca de 200 pessoas, distribuídas em 45 casas, passou a agregar valor à piaçava com a produção de artesanato, através da Associação Quilombola de Boitaraca. Cestas, mandalas, porta-pratos, dentre outros objetos, são vendidos em parceria com a Cooperativa de Produtoras e Produtores Rurais da APA do Pratigi – Cooprap, em Nilo Peçanha.

Baixo Sul

14 Municípios

Aratuípe, Cairu, Camamu, Gandu, Igrapiúna, Ituberá, Jaguaripe, Nilo Peçanha, Piraí do Norte, Presidente Tancredo Neves, Taperoá, Teolândia, Valença, Wenceslau Guimarães.

População

333.357

PIB

R\$ 973.320.000

Dendê (à esq),
frutas exóticas (à dir) e
muito trabalho (centro):
tradição do Baixo Sul





Turismo ecológico: o forte do Baixo Sul

Em Boipeba, os moradores acreditam que o futuro está na preservação

Situada 90 km ao Sul de Salvador, o desafio maior de Boipeba, distrito de Cairu, frente ao crescente fluxo de turistas, é não repetir o modelo de turismo de massa adotado por sua vizinha, Morro de São Paulo. Para evitar isso, a população local, com a ajuda de ONGs e do poder público, adota uma crescente postura de conscientização ambiental.

O guia turístico e vice-presidente da Associação de Condutores de Turistas de Boipeba (Asconturb), Marcos Passos Gonçalves, 29 anos, se acostumou a ver, no passado, pescadores pegando todos os animais que usam Boipeba como local de reprodução. "Pescávamos tanto tartaruga como fêmeas de crustáceos, pois, pra nós, não existia proibição", conta ele. "Fomos sentindo aos poucos a chegada do turismo ecológico e nos adaptando. A dona de casa passou a ser dona de restaurante, o pescador passou a ser guia. Desse jeito, estamos fazendo com que a ilha seja também mais preservada", explica Gonçalves.

E basta andar pelas praias de Boipeba que dá para ver como cada um

contribui. Em um coqueiro, vê-se a placa: "Peixe não come plástico." Em algumas pousadas, a Mata Atlântica é preservada, placas solares são utilizadas como forma de energia limpa e o sistema de compostagem transforma o lixo biodegradável em adubo. Com o crescimento do turismo, aumentaram também as responsabilidades para se manter o equilíbrio do ecossistema, não só em Velha Boipeba (principal vila da Ilha de Boipeba), mas também nas suas comunidades principais: Moreré e São Sebastião (Cova da Onça).

Os nativos e os moradores, em articulação constante, estão envolvidos no projeto de criação do Conselho Gestor da Área de Proteção Ambiental (APA) Tinhareté-Boipeba, juntamente com a ONG Bahia Azul e o Instituto Odebrecht. O objetivo principal é resguardar a flora, a fauna e a sobrevivência econômica dos moradores da região.

Coordenadora do Espaço Centro Ambiental e diretora executiva da Amabo, Associação dos Moradores e Amigos de Boipeba, Jussarema Vasconcelos, explica: "A educação ambiental acontece nas oficinas com os donos de pousa-

das, na coleta seletiva de lixo praticada pelos moradores, nas nossas reuniões, por toda parte".

Outro encanto do território do Baixo Sul é o litoral de Maraú, que ostenta praias de destaque no cenário nacional, como Taipus de Fora e Barra Grande, muito apreciadas pelos turistas, que no último verão somaram 15 mil pessoas. A Secretaria de Turismo de Maraú, em parceria com o Governo da Bahia, Ministério do Turismo, Senac e Sebrae, investe na capacitação sustentável, onde, além de trabalhar a técnica profissional, os moradores passam a colaborar com a preservação do meio ambiente. Trezentos e oitenta e quatro profissionais, entre guias, garçons e cozinheiros, já foram credenciados no último semestre. "Queremos capacitar moradores para cuidar dos turistas, mas sem esquecer da APA onde vivemos", ensina a secretária de Turismo, Vera Sarmento.

Marcos Gonçalves (à esq) orgulha-se das iniciativas locais, como as pousadas ecologicamente corretas



Cultura e história na região

História e beleza natural em Jaguaripe

Único município do Baixo Sul banhado pela Baía de Todos os Santos, Jaguaripe exibe construções do tempo dos jesuítas, como a temida Prisão do Sal, situada ao nível do mar, na antiga Casa de Câmara e Cadeia, além das igrejas Nossa Senhora D'Ajuda e Nossa Senhora do Rosário. Visitação de **segunda a sábado, das 8 às 18h**.



Em Valença, ponto certo para cultura e arte

Maior cidade do Baixo Sul, Valença oferece vida cultural distinta dos roteiros praieiros. Confira, no Centro Cultural Olívia Barradas, apresentações de dança, teatro, capoeira angola e sessões de cinema. Aberto de **segunda a domingo, das 8 às 22h**.

Maragogipinho: a capital da cerâmica

Não deixe de conferir a tradição de 300 anos no município de Maragogipinho, distrito de Aratuípe. Segundo a professora Urânia Silva, autora do livro "O Caxixi: Louça de Deus e suas Origens" (não publicado), atualmente estima-se que **74 olarias estão em atividade no distrito**, "fora as de fundo de quintal", salienta.





Indústria de serviços

Com o vetor de serviços, o Território da RMS desenvolve outros potenciais e enfrenta o desafio da mobilidade

Nilza Oliveira saiu da sua terra natal há 25 anos. "São Gonçalo dos Campos era muito pequena. Eu só encontrava trabalho na roça. Salvador foi melhor para mim", afirma a diarista, que mora no Cabula e trabalha no Rio Vermelho. Nilza, assim como milhares de baianos, enxergou no território da Região Metropolitana de Salvador a oportunidade de crescimento profissional, intensificada na década de 70 com a implantação do primeiro complexo petroquímico planejado do Brasil, lugar onde atua a secretaria executiva Márcia Carneiro. "Trabalhar no polo é como trabalhar em uma ilha. Tudo é diferente, desde os salários até a forma como as pessoas convivem com a cidade", comenta.

Nilza e Márcia são moradoras da RMS, mas convivem com realidades diferentes. A secretária Márcia é uma das 35

mil pessoas contratadas (direta ou indiretamente) nas mais de 60 empresas químicas, petroquímicas, de celulose, pneus, bebidas, metalurgia, têxtil ou automotiva. Uma mão-de-obra remunerada que causou grande impacto na economia baiana e apoiou a transformação do vetor econômico, que hoje tem forte base no setor de serviços, onde, por sua vez, trabalha Nilza.

"Hoje, 86% da nossa população trabalha no setor de serviços. As empresas estão cada vez mais se concentrando em suas competências essenciais e terceirizando o não-essencial." A afirmação é de Paulo Henrique de Almeida, superintendente de Planejamento Estratégico da Secretaria do Planejamento do Estado, que arremata: "Vivemos em uma era pós-industrial. Não podemos querer transformar a Bahia em uma São Paulo", conclui.

Pessoas como Márcia, que trabalham em fábricas, representam apenas 8% da população residente na RMS, as demais estão ligadas, direta ou indiretamente, à prestação de serviços. "Salvador é mais fácil para resolver os problemas. Se eu não morasse aqui, como meus parentes iam fazer para se tratar?", confirma Nilza, referindo-se ao atendimento médico realizado na capital baiana.

Mobilidade urbana, um novo desafio

Com a economia lastreada no setor de serviços, os moradores do território têm um grande desafio, a chamada mobilidade urbana. Hoje, 32% dos moradores da RMS levam de trinta minutos a uma hora para chegar ao trabalho, e 13% demoram mais de uma hora para se locomover.





Este é o caso concreto de Nilza e Márcia. Para estar no trabalho de diarista às 9h, Nilza levanta todos os dias às 6h. A jornada começa na caminhada de 30 minutos até o ponto de ônibus. "O coletivo leva uns 30 minutos pra passar. E às vezes está tão lotado que não dá nem para entrar", lamenta Nilza, que leva 60 minutos no trajeto, totalizando duas horas até chegar ao trabalho. Já Márcia precisa viajar 70km do bairro da Pituba, em Salvador, para chegar ao trabalho, em Camaçari, o que faz em pouco mais de uma hora. "Em 1998 morei em Dias D'Ávila e me dei conta de que, apesar de ter mais tempo livre, não havia o que fazer. Não tinha o curso de inglês que eu precisava, nem shopping de grande porte. Tudo que eu queria fazer, precisava vir a Salvador", explica.

Cidades são fábricas

"Agora, as próprias cidades são fábricas, e as pessoas precisam deslocar-se o tempo todo para produzir. As telecomunicações não resolvem tudo", explica Paulo Henrique. Para ele, a Copa de 2014 será uma oportunidade de se fazer investimentos. "O metrô, que vai ligar a Lapa a bairros populares, ainda não pode ser considerada a solução final", conclui o superintendente. Entre os investimentos previstos pelo Governo Federal, que fazem parte do PAC (Programa de Aceleração do Crescimento), está a implantação de um sistema de VLP (Veículo Leve sobre Pneus) ou VLT (Veículo Leve sobre Trilhos). O novo meio de transporte deverá ligar a estação Bonocô do metrô ao aeroporto, passando pela Paralela.

Região Metropolitana de Salvador

11 municípios

Camaçari, Candeias, Dias D'Ávila, Itaparica, Lauro de Freitas, Madre de Deus, Salinas da Margarida, Salvador, São Sebastião do Passé, Simões Filho e Vera Cruz.

População total

3.711.571

PIB

R\$ 36.990.720.000

Nilza Oliveira (esq.) e Márcia Carneiro (dir.) compartilham, de modo bem diferente, dos benefícios e desafios disponíveis na capital baiana





O novo Centro Antigo de Salvador

Projeto inovador valoriza a comunidade do Centro Histórico

Aos 20 anos, a produtora cultural Jussara Santana queria morar mais perto do centro da cidade. "Quando cheguei no Pelô pela primeira vez, fiquei louca. As pessoas, a arquitetura, a história... aquilo não era um bairro. Era o centro do mundo", afirma. A família e os amigos foram contra. "É claro que tinha gente que não prestava. Mas também tinha família e muitos artistas que viviam honestamente", explica. Era 1981, e a partir daquele ano Jussara viveu cada minuto da história recente do Pelourinho: da decadência ao projeto de revitalização dos anos 90. Hoje, participa ativamente da construção de alternativas que tragam sustentabilidade econômica e social para o local onde vive.

A reforma realizada na década de 90 não resolveu os problemas. De acordo com Jussara, muita gente foi expulsa de suas casas ou recebeu uma pequena indenização. "O dinheiro não dava nem pra pagar um mês de aluguel. Sabe o que aconteceu? As pessoas voltaram para o Centro, para o local onde tinham suas vidas e suas referências. Ficaram ao redor do Pelourinho, mendigando."

Para a coordenadora do Escritório de Referência do Centro Antigo de Salva-

dor, Beatriz Lima, o que aconteceu foi uma intervenção "que valorizou apenas as áreas comerciais". Agora, aos 48 anos, Jussara vislumbra um novo horizonte. "Desta vez eu acho que pode dar certo, porque estão ouvindo as pessoas que moram no Pelourinho. Não estamos sendo tratados como um peso. Estamos sendo tratados como quem entende do assunto", comemora.

Nova Esperança

O Plano de Reabilitação Sustentável do Centro Antigo de Salvador, região que abrange uma poligonal do Campo Grande ao Santo Antônio e do Comércio ao Dique do Tororó, será publicado em outubro deste ano, mas algumas intervenções já foram realizadas, a exemplo da nova iluminação do Pelourinho. Estão previstos ainda investimentos em moradias para a população residente e requalificação dos acessos ao Centro Histórico.

A comunidade da Vila Nova Esperança, ex-Rocinha, será diretamente beneficiada. Hoje, entrar no local é como ser "teletransportado" dos belos casarões do Pelô para um lugar onde a falta de infraestrutura se traduz em casebres feitos de papelão e madeirite, mas também onde a arte parece estar impregnada

em cada moradia. "Vivemos da arte, de fazer música, de fazer esculturas. Temos os mesmos direitos de quem mora no Itaigara ou em Fazenda Coutos", manifesta o representante do Conselho Cultural de Moradores, Ednaldo Sá.

O projeto de urbanização da Rocinha, premiado pela seção São Paulo do Instituto dos Arquitetos do Brasil, prevê a construção de 66 unidades habitacionais, biblioteca, cozinha, estúdio multimídia e uma sede do centro comunitário. "Queremos dar a essas pessoas novos conhecimentos para que elas possam ter novas perspectivas de renda e de vida", completa a coordenadora do escritório.

Ednaldo Sá e Jussara Santana
comemoram as novas políticas públicas
para o Pelourinho e seu entorno



Caldeirão cultural

Um paraíso para artistas

Se estiver em Itaparica, não deixe de conhecer o Instituto Sacatar. Criado em 2001 para integrar artistas de diferentes nacionalidades, já atendeu mais de 120 artistas de 37 países. "Recebemos 500 inscrições.

20 serão selecionadas para se hospedar, com passagens, estada e alimentação gratuitas", conta Taylor Van Horne, fundador do instituto. Para agendar visitas ou obter mais informações: **71 3631 1834.**



Cidade do saber e da transformação

A Cidade do Saber é o espaço multicultural de Camaçari. Atende 4 mil pessoas com aulas, cursos e oficinas gratuitas. O local possui o segundo maior teatro da Bahia, com capacidade para receber 568 pessoas por apresentação. A **Cidade do Saber** está aberta à visitação de **segunda a sexta, das 8h às 18h**.

O maior museu da Bahia

O Museu de Arte Moderna da Bahia – o maior do estado – atende todos os anos 136 mil pessoas; conta com cinco salas expositivas, cinema, sala para oficinas (onde funcionam cursos de cerâmica e escultura) e o Jardim das Esculturas, com obras de Carybé, Cravo Júnior, Juarez Paraíso e Tuna. Aberto de **terça a domingo, das 13h às 19h. Sábado, das 13h às 21h.**



Solar Ferrão expõe a identidade brasileira

Um centro cultural para onde convergem a arte e a memória dos povos que formam a identidade brasileira: o português, o índio e o negro. Este é o Solar Ferrão, localizado no Pelourinho, construído no século XVII pelo comerciante português Antônio Maciel Teixeira.

Visitas de terça a sexta, das 10h às 18h. Sábados, domingos e feriados, das 13h às 17h.

Desenvolvimento no Paraguaçu

A pequena Vila de São Roque do Paraguaçu, distrito de Maragojipe, é um lugar tranquilo, com pouco mais de 8 mil habitantes. Mas, a partir de 2010, promete atrair um público equivalente ao dobro de sua população, com o novo polo naval que será implantado. O local já serve de base a um canteiro de obras da Petrobras. “Atualmente, cerca de três mil pessoas, 40% dos funcionários do Porto de São Roque, são da região. Nossa meta é que o número atinja a marca de dez mil empregos diretos com a nova implantação, que terá estaleiros e diques secos para construção de grandes embarcações”, diz Roque Peixoto, coordenador de Interação Social da Equipe de Mobilização do Polo Naval.

Maragojipe já se prepara para receber mais visitantes e até moradores. “De olho no novo público, a cidade oferece três restaurantes a quilo, e há poucos meses foi inaugurada uma pousada com 80 dormitórios”, garante o coordenador. O projeto de implantação do polo naval, que pode gerar até 30 mil empregos indiretos, é uma iniciativa do Governo do Estado, através da Secretaria da Indústria, Comércio e Mineração da Bahia.

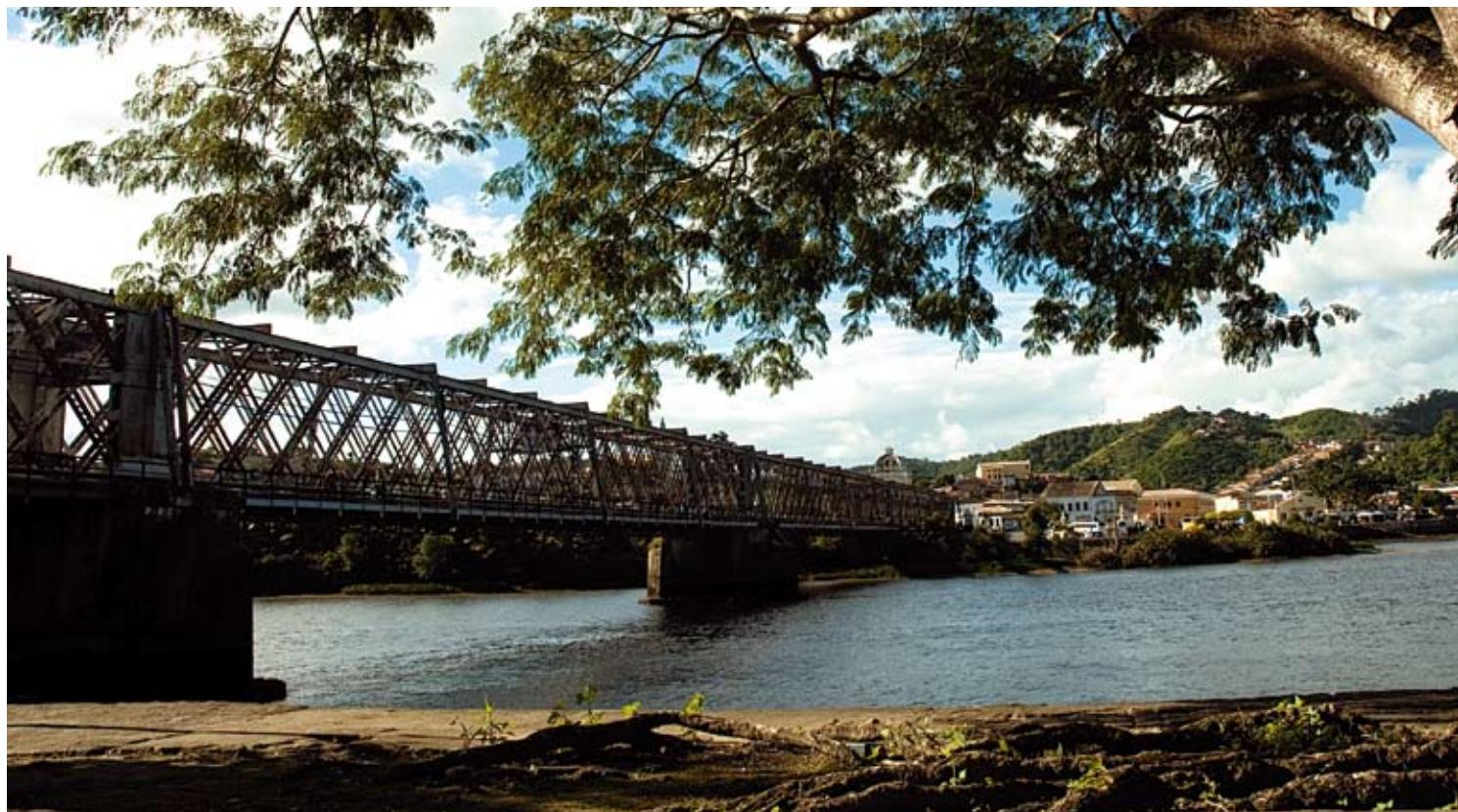
Outra iniciativa que foca no desenvolvimento do Recôncavo baiano é a candidatura internacional do “Itinerário do

Paraguaçu”. O trajeto histórico, percorrido durante muitos anos pelos saveiros que iam até a Baía de Todos os Santos, foi pauta de seminário organizado pela Secretaria de Cultura do Estado da Bahia (Secult) em Cachoeira. O encontro reuniu representantes municipais, da Universidade Federal do Recôncavo (UFRB) e dos institutos do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan) e do Patrimônio Artístico e Cultural da Bahia (Ipac). A partir desse evento, começaram as movimentações para que o rio, que passa pelas cidades Cachoeira e São Félix e vai até a foz, na Barra do Paraguaçu, seja Patrimônio da Humanidade. “O mais relevante é que essa ação poderá trazer mais qualidade social, atraindo mais investimentos para polos específicos, como os de preservação ambiental, turismo cultural e ecológico”, explica Mateus Torres, gerente de Patrimônio e Legislação do Ipac.

Preservação contínua

Além do Itinerário do Paraguaçu, outro patrimônio em evidência na região é o conjunto edificado de Cachoeira, tombado pelo Iphan desde 1971. O complexo arquitetônico da cidade traz recorte de vários momentos históricos, desde a época do povoamento, no século XVI, quando o porto, que deu origem à cidade, passou a ser um dos principais elos entre a colônia portuguesa e a Europa, que recebia os extratos minerais e agrícolas do Brasil.

Para preservação e revitalização das edificações históricas de Cachoeira, que datam do período colonial, o Programa Monumenta, do Ministério da Cultura, disponibilizou 36 milhões de reais, ao longo dos últimos sete anos. “Entre as 26 cidades brasileiras beneficiadas pelo Monumenta,



Cachoeira é a que recebe o maior volume de recursos, com contrapartida financeira e execução das obras sob responsabilidade do Estado", destaca Frederico Mendonça, diretor-geral do Ipac, órgão que, na Bahia, administra o Monumenta.

Universidade Federal

Há cerca de três anos, Cachoeira, um dos mais antigos municípios baianos – 480 anos – ganhou um campus acadêmico: a Universidade Federal do Recôncavo (Ufrb). Os primeiros cursos oferecidos foram estratégicos: Comunicação, Museologia, História, Ciências Sociais e Serviço Social. A estudante santantoniana Maiane Matos concorda: "Aqui eu respiro, inspiro e aspiro cultura e história. Se eu tivesse que fazer faculdade em outro lugar, não iria, porque eu primo muito por essa vivência."

Com a instalação da Ufrb, a região de Cachoeira já atraiu um público de quase mil pessoas, o que promove uma repovoação da cidade. Com a chegada das estradas, em meados do século passado, e substituição dos saveiros de carga pelos caminhões, o porto de Cachoeira e os de outros municípios da região foram perdendo o poder de concentração econômica e muitos locais sofreram esvaziamentos de renda e populacional, mas, agora, os donos de bares e mercados já comemoram. "Hoje tem muita gente morando em Cachoeira. Isso movimenta o comércio", diz Jorge Luiz Leite, dono de uma pizzaria. Calcula-se que até 2011 mais de duas mil pessoas, da região ou de fora, façam parte da Ufrb. "Cachoeira é um município lindíssimo, que eu estou vendo renascer com a universidade", considera Xavier Vatin, diretor do Centro de Artes, Humanidades e Letras .



Recôncavo

19 Municípios: Cabaceiras do Paraguaçu, Cachoeira, Castro Alves, Conceição do Almeida, Cruz das Almas, Dom Macedo Costa, Governador Mangabeira, Maragogipe, Muniz Ferreira, Muritiba, Nazaré, Santo Amaro, Santo Antônio de Jesus, São Felipe, São Félix, São Francisco do Conde, Sapeaçu, Saubara, Varzedo.

População: 533.709

PIB: R\$ 10.991.790.000

O Rio Paraguaçu e a arquitetura de Cachoeira: patrimônios históricos do Recôncavo



Bahia de todos os saveiros

A aurora mal apontou e alguns homens já estão à beira do Rio Paraguaçu, cuidando de suas embarcações. "Feliz Ano Novo" chega cedo a Coqueiros, distrito de Maragojipe. Raimundo Pereira, o Mestre Biliu, está voltando da Ilha de Bom Jesus, aonde foi levar areia. O barco é rústico, todo em madeira, guiado a partir de vela de içar. Nada de motor ou qualquer aparato tecnológico. A navegação é garantida pelas condições naturais e, claro, pela experiência do barqueiro. "O mestre de barco precisa conhecer o rio em que navega, saber se vai dar vento; se não o barco afunda ou encalha", explica Biliu.

Feliz Ano Novo é um dos poucos saveiros que ainda fazem a travessia pelo Paraguaçu, relembrando o período em que o Brasil pertencia à Coroa portuguesa, quando o território do Recôncavo chegou a ter quase duas mil embarcações escoando a produção agrícola do sertão baiano. Os produtos eram levados de Cachoeira para Salvador, onde eram redistribuídos. E de Salvador eram trazidos produtos manufaturados para serem revendidos em Cachoeira e, assim, distribuídos.

Com o passar dos anos, as embarca-

ções foram perdendo espaço, ora por causa das estradas, ora devido às versões náuticas motorizadas. "Muita gente abandonou porque já não tinha mais produção nas roças", conta Nelson, saveirista há 60 anos, que logo em seguida ressalta a importância do saveiro, no que concorda Paulo Cezar, saveirista e pescador: "Muita gente fica preocupada, dizendo que os saveiros vão acabar. Mas ele é o único barco que aguenta pegar tanto peso".

Saveiros hoje

O escritor e pesquisador Ricardo Tavares é membro da Associação Viva Saveiro, fundada em 2008 com o objetivo de preservar o Patrimônio Cultural da Bahia. Ele aponta variedade nas antigas embarcações, como o 'barco do Recôncavo' e a baleeira, trazida de Portugal. Apesar de extintos, ainda são parâmetro para os mestres saveiristas na fabricação das embarcações atuais. "O primeiro tem a proa dobrada, estilo lanchão, e é mais veloz. O outro produz um barco mais 'quadradinho', que suporta uma carga maior. Todos são feitos por pessoas que não estudaram engenharia, que aprenderam no dia-a-dia, construindo, algumas vezes, com ajuda do graminho", comenta Ricardo.

O graminho é uma técnica com cerca de sete mil anos e funciona como uma régua de medida, servindo de parâmetro na hora da produção das peças.

O saveirista Claudionor Evgisto, mais conhecido como Xagaxá, é um dos mestres que, sem utilizar técnicas acadêmicas ou mesmo o graminho, fabricam o próprio saveiro: "Meu pai me batia com a corda da vela do barco para eu aprender o ofício. Aprendi, mas depois cheguei a ensinar a ele", lembra. "Eu posso até não saber de outras coisas, mas eu sei fazer o barco que eu ando. Se você não sabe fazer, como é que vai dizer que é mestre?" Ricardo defende: "Não só o ofício do mestre deve ser preservado, mas o próprio estilo de embarcação que é feito na Bahia, porque, apesar das variações que nós conhecemos pelo Brasil, saveiros como os da Bahia não são vistos em nenhum outro lugar."

Saveiros e seus "mestres" transportam mercadorias, pessoas e a história da região



Preciosidades do Recôncavo

Centro de cultura e história

O prédio da antiga fábrica sanfelista Dannemann, à beira do Rio Paraguaçu, conserva a memória do período fumageiro na Bahia. Fundado em 1973, o Centro Cultural Dannemann abriga a Bienal do Recôncavo. Visite **de terça a sábado, das 8h às 17h.**



A Casa do Samba é na Bahia

Já dizia Dorival Caymmi: “Quem não gosta de samba, bom sujeito não é. É ruim da cabeça ou doente do pé.” Assim, é imperdível a visita, em Santo Amaro da Purificação, à Casa do Samba do Recôncavo, onde o ritmo, consagrado como Patrimônio Cultural do Brasil, pelo Iphan, e Obra-Prima Imaterial da Humanidade, pela Unesco, tem seu espaço garantido.

Visite gratuitamente, **de segunda a sexta, das 8h às 17h. Informações: www.asseba.com.br.**

O parque histórico do Poeta dos Escravos

Mais de 600 pessoas visitam todo mês a réplica da antiga Fazenda Cabaceiras, onde desde 1971 abrigam-se o museu e o parque histórico, com fotografias, louças, móveis e tantos outros objetos que pertenceram ao poeta Castro Alves, também conhecido como o “Poeta dos Escravos”.

As visitas são gratuitas e podem ser realizadas de **terça a domingo, das 9h às 12h e das 14h às 17h.**



Multiplicidade artística em ponto de encontro cachoeirano

Em Cachoeira, não deixe de visitar o Pouso da Palavra. Inaugurado em 2000, o espaço tem múltiplas funções, desde mostras de artistas da região até a venda de camisetas, livros de poesia, miniaturas de alguidares, jarras para cachaça, em barro, sem falar no espaço para o teatro.

Visite, de **domingo a quinta, das 9h às 17h; às sextas e sábados das 9h até o último cliente!**

Carnaval de mascarados é Patrimônio Cultural

Na contramão dos trios elétricos, Maragojipe produz uma singular manifestação que reúne, ao som de marchinhas carnavalescas dos anos 30 e 40, muita fantasia e, claro, mascarados, como nos carnavais venezianos. Depois de o Bloco do Silêncio desfilar, na madrugada de sexta-feira para sábado, outros grupos, organizados por temas alegóricos ou mesmo sem compromisso, senão com a diversão, vão tomando, aos poucos, os espaços da cidade. “O Carnaval para o maragojipano é o mesmo que religião”, garante Eduardo “Água Dura”, membro do Gramma – Grêmio Recreativo dos Amigos Mascarados de Maragojipe.

A tradição de guardar o segredo da fantasia é outra coisa que os maragojipanos insistem em manter. “Se alguém chegar à minha casa me pedindo para fazer uma fantasia e, depois, vier outra pessoa me pedindo para fazer a mesma coisa, eu tenho que fingir que é tudo novidade e fazer duas roupas diferentes, como se nada tivesse acontecido. Eu tenho que ser um baú”, conta Eliezér César, figurinista carnavalesco há cerca de 15 anos.

A folia de mascarados maragojipana começou ainda no período colonial, porque os escravos e alforriados não poderiam ser identificados nas ruas, durante as brincadeiras de Carnaval, para evitar preconceitos.



No período do Brasil colonial, as máscaras permitiam que escravos brincassem sem sofrer preconceito



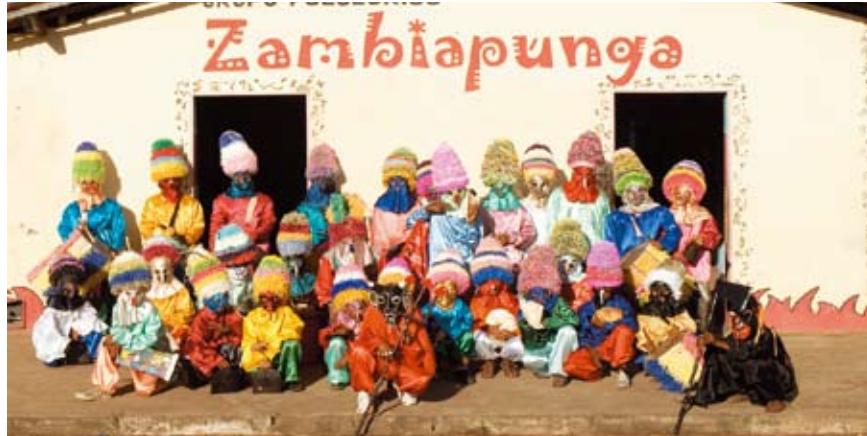
Chegança Feminina dá novos contornos a tradição centenária

Sangrentas foram as batalhas entre cristãos e mouros, realizadas na Península Ibérica entre os séculos XII e XIII, e que originaram autos e danças trazidas pelos portugueses, durante o período do Brasil colônia. Um episódio tão violento só poderia mesmo ser representado por homens, certo? Errado. Na Bahia, a secular tradição, realizada desde o século XVIII, ganha características bem contemporâneas. Em Arembepe, a Chegança dos Mouros ganhou o nome de Chegança Feminina por ter apenas mulheres em sua formação.

“A Chegança dos Mouros foi trazida por meu tio. Quando ele morreu, o comando passou para meu pai, depois meu primo. Eu adorava assistir, achava bonito. Mas, de uns tempos pra cá, os homens começaram a ficar preguiçosos, não queriam mais ensaiar. Foi aí que eu resolvi reativar a Chegança”, orgulha-se Elisabete de Souza, 66 anos, mais conhecida como “Dona Bete”.

A saga do Zambiapunga: de Nilo Peçanha para o mundo

por **Zezão Castro**



"Volto às linhas do poema
Peço licença ao astral
Agora descreverei
Um culto bem ancestral
Chamado Zambiapunga
Hoje um folguedo legal

Típico do Baixo Sul
Espelho da identidade
O maior, em Nilo Peçanha
É orgulho da cidade
Sai na véspera de finados
Convocando a mocidade

Nzambi na África é
O Deus supremo dos bantos
Que pintavam os seus corpos
Sem usar mortalha ou manto
Oferendas para os mortos
Mensageiros do afro-santo

Mpunga, pro afro-linguista
Significa "defunto"
Juntando as duas então fica:
"Deus supremo dos defuntos"
Pedidos de boa colheita
Vão pras terras dos pés-juntos

Quando chegam ao Brasil
Disfarçaram este ato
Pois eram chamados pagãos
Castigados com maltratos
Só por não ter um Deus branco
Eles pagaram o pato

Com mortalhas coloridas
Disfarçaram em brincadeira
De 1811
Data a citação primeira
Que a Capitania dos Portos

Registrhou sem dar bobeira

Na Usina Mutupiranga
O búzio então servia
Para chamar os escravos
Da labuta tão tardia
Mas quando o Zambi ia às ruas
A pele já não ardia!

Na parte instrumental
Tem cuíca, tem enxada
Tem búzios e tambores
É uma zoeira retada
Quem tiver ouvidos, ouça
No gelo da madrugada

O guia central puxa o grupo
Dois laterais organizam
Vão em circuvolunteios
E os capetas barbarizam
Correm atrás dos guris
Alguns se aterrorizam

Mestre Gabilão foi
Dos grandes ali destacados
Com Elival no comando
O espírito foi renovado
Capitão Militão Rogério
Um antigo dedicado

Entre 60 e 80
Zambiapunga sumiu
Mas Pró Lili Comardelli
Seus alunos reunii
Botou o bloco na rua
E em 82 ressurgiu

E o grupo então bombou
Com a Caminhada Axé
Foi aí que a semente,

Brotou de vez, virou pé
Juntou mídia, som e povo
Armou-se então o tripé

Bombaram no Percpan
E na Eco 92
No Brasil Legal, da Globo
IRDEB logo depois
TV Salvador, Na Carona
Em Marrocos foi o arroz

Atende 50 crianças
E o mesmo tanto de adultos
Em 96 um marco:
Associação, Estatuto
Dona Eni e Seo Flávio
Testemunham neste intuito

Capacete afunilado
Rastro multicolorido
A essência religiosa
Tem um lúdico sentido
São três filas de integrantes
Com muito pano tingido

Hoje eles são sucesso
E ninguém achou ruim
Foi tanto que já criaram
Zambiapunga Mirim
E eu já tô quase pedindo
Uma máscara pra mim!





RECÔNCAVO

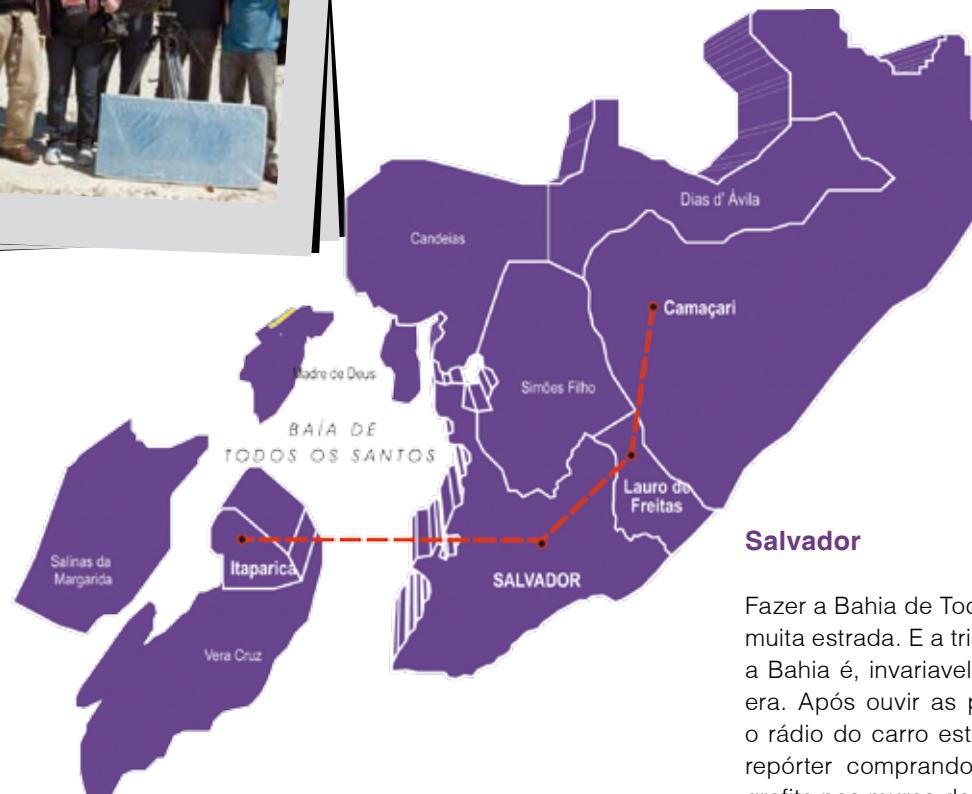


Cachoeira

Assim que paramos o carro na reserva quilombola do Caonde, a recepção foi inusitada: “Quer carona?”, perguntou um menino, junto com outros cinco em uma fileira unida por uma corda de sisal. “Do que vocês estão brincando?”, perguntamos. “De ônibus. Ônibus é assim: vai um na frente e todos os outros seguem atrás”. Crianças...!



REGIÃO METROPOLITANA DE SALVADOR



Itaparica

Partimos para a Ilha do Medo. Cientes dos insetos que habitam o local, optamos por ir com calças jeans, apesar do sol. Não adiantou! Terminamos por criar mais uma lenda: a dos supermosquitos que nos ‘almoçaram’ através das calças!

Salvador

Fazer a Bahia de Todos os Cantos significa pegar muita estrada. E a trilha escolhida para atravessar a Bahia é, invariavelmente, o reggae. Ou melhor, era. Após ouvir as pessoas que fazem hip hop, o rádio do carro estacionou neste som. Teve até repórter comprando sprays de tinta para fazer grafite nos muros da própria casa!



Maragojipe

Ao final das entrevistas sobre o Carnaval de Maragojipe, pedimos para um grupo que nos mostrasse como eram as brincadeiras e as provocações durante a festa. No meio de tanta gente que circulava pelo centro da cidade, eles escolheram exatamente o diretor de fotografia da nossa equipe. Três ou quatro marmanjos fantasiados “pularam” em Cláudio, que nem sabia o que estava acontecendo. Foi a maior festa!



BAIXO SUL

Boitaraca, Nilo Peçanha

No Quilombo de Boitaraca, encontramos a população resistente. Outros já tinham ido lá e divulgado imagens, sem autorização, na internet. Explicitamos os objetivos. No outro dia, a paz foi selada com refresco de capim-santo e limão, na casa da presidente da associação de moradores, que não deu a receita do suco e ainda me fez mostrar minha identidade (a cédula)!



Maragogipinho, Aratuípe

No Baixo Sul, visitamos olarias. Rafael, assistente de imagens, delirou com uma panela, mas quando a levantou: práhh! Ficou com o cabo numa mão e a tampa na outra; o resto caiu, quebrando mais umas duas ou três panelas. Rafael acabou ganhando o Troféu Joselito de Ouro, pelo desempenho prestado.

Ilha de medos e lendas

AIlha do Medo se chama, na verdade, Ilha do Meio. Ganhou este apelido graças às inúmeras lendas do povo itaparicano. Uma delas diz que, à noite, as crianças viam chamas azuis saindo da ilha e subindo aos céus. Acreditava-se que eram espíritos dos enfermos de cólera que foram levados à ilha na metade do século XIX, durante a epidemia que assolou Salvador.

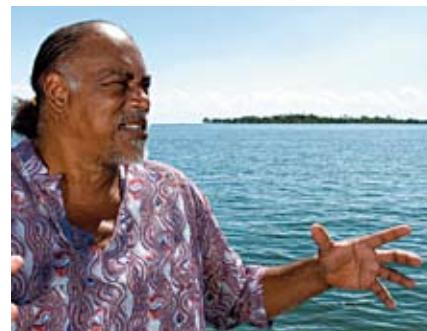
Era dia de sol, ventos calmos, condições ideais para velejar na Baía de Todos os Santos. Embarquei com dois estagiários em um barquinho para estudar a "Ilha do Medo", a menos de 4km do município de Itaparica. No fim da tarde, missão cumprida e diversão garantida, hora de voltar pra casa. As condições climáticas eram favoráveis, então não havia motivo para preocupação. Até que... o barco em que estávamos começou a encher de água. Não entendi nada. Por onde estaria entrando aquela água? Não deu tempo de descobrir. O barco afundou e tivemos de voltar nadando para a ilhota.

Presos na ilha e sem celulares, foi preciso apelar para meios de comunicação mais tradicionais: uma fogueira acesa. Conseguimos chamar a atenção de uma lancha que estava passando. Graças a Deus, eles nos viram.

Assim que entramos, começamos a comemorar, mas em poucos segundos estávamos arrasados de novo: o motor do barco quebrou, inexplicavelmente.

A população da ilha – normalmente desabitada – passou a contar com quatro infelizes hóspedes. Esperamos amanhecer e fomos resgatados por uma outra embarcação. Não sei se foram as lendas, ou o azar, mas a verdade é que a maldição da Ilha do Medo desta vez funcionou.

Há mais de 12 lendas sobre a Ilha do Medo. Mas, na verdade, quem tem medo agora é a ilha. Medo de ser destruída, de ter seus manguezais e ecossistemas arruinados."



Everaldo Lima Queiroz, 47 anos, biólogo

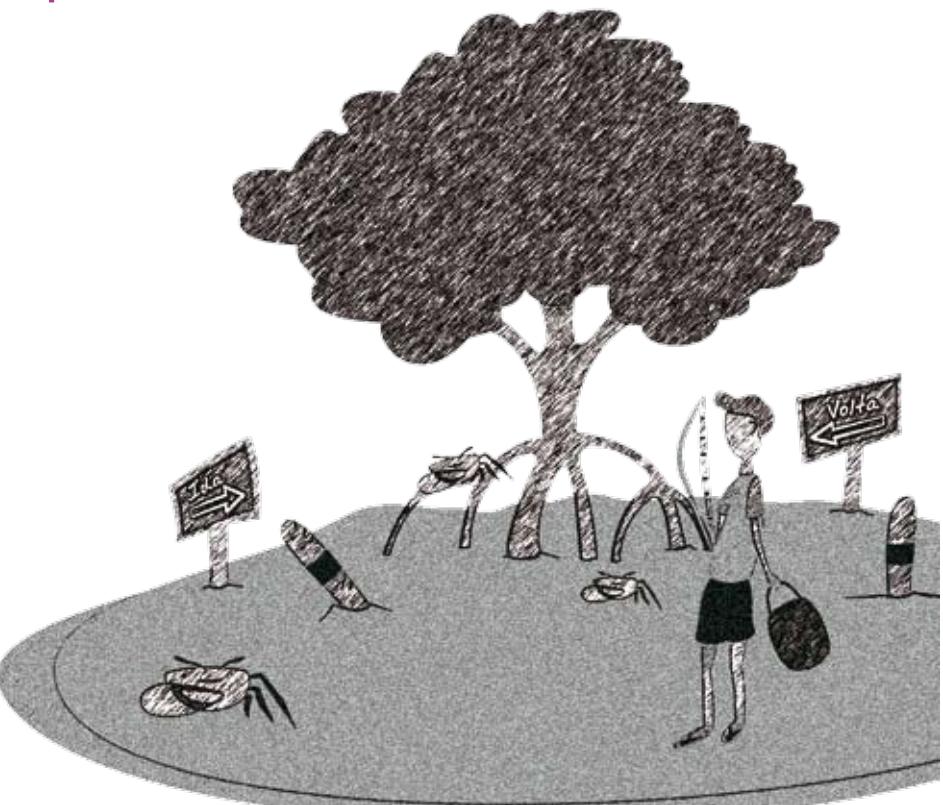


Charutos para acalmar a vovó



Nal, 48 anos,
pescador de
Maragojipe

"Faz tempo que o povo conta essa história de que quem não levasse fumo pra Vovó do Mangue, quando saísse pra pescar, não voltava mais. Como ninguém queria pagar pra ver, toda vez que a gente saía de barco, levava uns charutos no bolso, para o caso de ela aparecer. Ela era como Caipora, só que do rio. Eu nunca vi, não, mas que ela existe, existe. Quem sabe contar essa história mesmo é Nute."



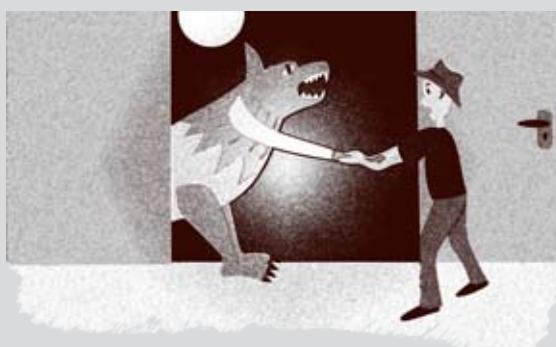
Nute, 86 anos,
mestre saveirista

"Eu nem me lembro mais quantos anos eu tinha, mas eu sei que comecei a ouvir isso quando, uma vez, um casal saiu pra catar marisco no mangue e não voltou. No outro dia, correu uma história de que eles tinham se perdido. Aí o povo começou a dizer que era coisa de uma velha que morava pra os lados do mangue. Eu lembro que os pescadores colocavam um charutinho em uma planta, na lama, quando estavam chegando ao manguezal. Na hora de sair, deixavam outro, pra garantir que não iam se perder."

Jajá da Cachoeirinha e a peleja com o Lobisomem

"Nesse tempo eu tinha uma fazenda, morava lá embaixo. Chegando da rua na boca da noite, peguei o boi e fui marrá. Quando eu vim de lá pra cá, a mulher disse: Quer um café? Eu disse: Quero. Eu tinha um cachorro de caça muito bom, valente que era uma miséria! Então eu ouvi pela janela um barulho, panhei o facão, saí fora, era o lubizome: um cachorro grandão, com a cara arrastando pelo chão, os quarto lá em cima. Eu abri a porta, e aquele bicho ia num canto, ia no outro, e tome em cima de mim. Eu botei o facão! Ele pulou. O cachorro panhou ele por trás, eu centei o facão! Cortou por cima da cabeça. A mulher veio vê o que era. Quando viu, em vez de deixar a porta aberta, fechou e me deixou do lado de fora. Eu ainda corri atrás do bicho por uma distância de uns 50 metros, mas não alcancei. Teve sorte, o danado!"

Jajá da Cachoeirinha, idade
não revelada, agricultor



“olha oooo caféééééé, café quentinhoooo”

Dizem que na Bahia tudo se reinventa, até o vendedor de cafezinho. Já se foi o tempo em que vender a tradicional bebida envolvia apenas gritar por toda a cidade. Agora, nas ruas de Salvador, vendedor de café precisa ser designer para se destacar na multidão. Há uma verdadeira explosão de cores e sons nos novos carrinhos. Éder de Souza é um exemplo. O comerciante criou o que ele chama de “carrinho invisível”. É o tradicional carrinho, todo recoberto por espelhos, que definitivamente chama a atenção. Além do visual diferente, o equipamento conta ainda com jogo de luzes azuis, uma ventoinha de computador (“porque é legal”, explica) e um potente CD-player. “Além do mais, é bom pra atrair as meninas que param pra se maquiar”, brinca. “Vai um café aí, moral ?”



Moqueca de banana da terra com camarão e carne de jabá

A receita inusitada foi oferecida por Luzimar Santos da Paixão, conhecida como Mara, uma das cozinheiras mais festejadas do Baixo Sul. Imperdível. Quem provou, não esquece.



Candomblé elétrico: orgulho de Ituberá

Capital da fruticultura no Baixo Sul, o município de Ituberá completou 100 anos no dia 14 de agosto e teve um motivo a mais pra se orgulhar: o candomblé elétrico. Trata-se de uma série de bonecos (pai-de-santo, ajudantes de terreiro, pessoas incorporadas e tocadores) movidos a energia elétrica e ligados por complicados sistemas de correias e engrenagens, num terreiro em miniatura. O “brinquedo” é sucesso aonde vai. A maioria que o vê se diverte. Outros fazem em nome do pai...



Em vários lugares do Recôncavo podemos encontrar casinhas de taipa, como nos quilombos à beira da Baía do Iguape.

50 anos do Samba Suerdieck

D. Dalva Damiana de Freitas, a fundadora, comemorou com muita música, maniçoba e caruru os 50 anos do Samba Suerdieck, com direito a bolo e fitinhas de lembrança.



Falando Baianês

Borra

O mesmo que bagaço ou fita. É o resíduo da piaçava, após extração das fibras industriais da árvore. Esse resíduo serve para cobertura de casas nos meios urbano e rural.

Lelê

Mingau de arroz com coco, açúcar e outros ingredientes.

Moringa

Pote de barro que serve para armazenar água, deixando esta sempre fresquinha.

Pinguela

Ponte rústica feita por um tronco ou prancha.

Pipira

Variação local para designar o peixe petitinga.

Porrão (purrão)

Pote gigante de barro para armazenar água.



Biscó

No original: biscol. Facão de onde é extraído o cabo original e confeccionado outro bem maior, em madeira, encaixado à lâmina original e enrolado com arame, dando a aparência de um sabre caboclo a este utensílio.

Salvador, metró

por **Tom Correia**

Nascer em Salvador pode ser uma dádiva ou um castigo. Depende do lado da moeda em que temos a face exposta. A cidade é outra, mas permanece a mesma. Repleta de fraturas sociais, aspira à condição de metrópole vanguardista sem conseguir tirar os pés de um passado provinciano. Em termos topográficos, as partes alta e baixa também nos dizem muito: pode-se morar tanto nos espiões que se debruçam sobre a baía como nos barracos que ameaçam despencar pela ribanceira.

Somos incoerentes em quase tudo que tocamos. Construímos shoppings futuristas e, no entanto, a feira do Rolo se reinventa e sobrevive. Arquitetamos um complexo viário como o 2 de Julho, mas um sistema de transporte público indigesto nos faz perder o passo.

Reurbanizamos a avenida Centenário e fechamos os olhos para uma estação da Lapa que agoniza. Condomínios de luxo brotam como grama na Paralela, enquanto os casarões de arquitetura histórica são tratados como estorvos. Outras contradições nos desconfiam: a alegria desdentada dos ambulantes, o otimismo utópico de gente sem estudo que se expõe na TV pedindo um emprego. Ou ainda a algazarra de estudantes de uma escola pública que, no final do ano passado, rasgavam livros didáticos na avenida Garibaldi.

Ao que parece, perdemos a capacidade de insurreição e passamos a aceitar, quais cordeiros carnavalescos, nossa própria veia autodiscriminatória. Aos

milhares que possuem, erguemos os Alphavilles; aos milhões de desnudos, reservamos as Cidades de Plástico. Seja nas praias seletas, a caminho do Litoral Norte, ou evitando furar o pé nos pregos da favela que surgiu em Jaguaripe, nossa alma e vocação para o disparate se mantêm inabaláveis. E, sem encontrar uma forma de turbinar nossos índices sociais, tentamos exercer o antigo fascínio sobre os forasteiros que ainda aparecem aqui.

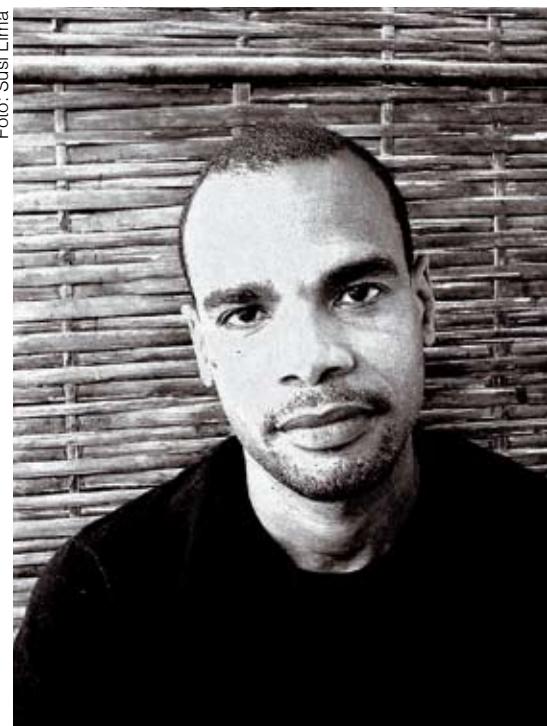
“A cidade é outra, mas permanece a mesma. Repleta de fraturas sociais, aspira à condição de metrópole vanguardista sem conseguir tirar os pés de um passado provinciano.»

No livro “50 anos de urbanização – Salvador da Bahia no século XIX”, da historiadora Consuelo Novais, nota-se como os “ganhadores”, negros escravizados que carregavam toneladas de mercadorias em troca de algumas patacas, convi-

viam com distintos senhores vestidos em trajes impecáveis no Plano Inclinado Gonçalves. Entre o preto-e-branco de duzentos anos atrás e as imagens coloridas do nosso tempo, as diferenças que construímos se refletem de modo cada vez mais dramático.

Assim, de contradição em contradição, patinamos em direção ao século 22 ignorando o passado incômodo, grudado em nossas costas. ■

Foto: Susi Lima



Tom Correia é escritor e graduando em jornalismo correia.tom@gmail.com

metrópole ou província?

por **Carlos Bamberg**



Salvador da Bahia, a capital dos cantos, encantos e do axé. Musa de Dorival Caymmi, Jorge Amado e do poeta Vinícius de Moraes, dentre tantos outros. Seja enquanto palco de incontáveis acontecimentos históricos ou sede de empresas nacionais e internacionais de grande porte, a cidade do Salvador apresenta hoje todas as nuances e padrões estéticos de uma metrópole. Sua estrutura urbana passa por um amplo processo de modernização e o seu crescimento populacional esbarra numa complexidade étnica-cultural que carrega desde os tempos em que era apenas uma província habitada por um povo místico, sincrético e desbravador.

Aquela velha máxima de que “baiano não nasce, estreia” sempre refletiu a estima e o talento do seu povo para os movimentos artísticos e culturais. Por outro lado, esse mesmo combustível que alimenta o moral do soteropolitano começa a ser esmagado pelo rolo compressor da globalização, gerando um sentimento desconfortável em alguns setores da sua sociedade. Esta, por sua vez, se depara com novas tendências, provenientes das metrópoles vizinhas, almejando valores e padrões muitas vezes distantes da realidade vivenciada.

Valores que atingem quase todas as regiões do planeta, salvo raras exceções, e que vêm de certa forma desconstruindo a identidade cultural da maioria dos nichos em que atuam.

Mas o baiano não abre mão dos aconchegos proporcionados pelo seu lado mais provinciano e, de alguma forma, sobrevive, ainda que na berlinda.

Todo esse sentimento paradoxal acarreta, de certa forma, uma dúvida inconstante: somos uma metrópole provinciana ou uma grande província com características de uma metrópole? A meu ver, isso configura um complicado nó, já que, mesmo com os dados de pesquisas recentes apontando Salvador como a terceira capital do País, os costumes, as crenças e as simbologias míticas permanecem enraizados na sua cultura, embora percebamos uma tendência que remete aos padrões estético-globalizados dos seus novos e antenados habitantes. ■

Essa complexidade étnica-cultural do povo soteropolitano, que tem na sua matriz genealógica uma herança indígena, moura, portuguesa e africana, traduz o futuro de uma terra que foi berço da civilização brasileira. Essa característica singular de uma sociedade híbrida, ao mesmo tempo em que enriquece o seu passado, esbarra nas armadilhas e inovações de um mundo cada vez mais tecnológico, competitivo e exigente. ■

Carlos Bamberg é graduando em jornalismo
carlosbamberg@gmail.com

Plano de Reabilitação transforma o Centro Antigo de Salvador

Ao longo do século XX o Centro Antigo de Salvador perdeu a sua importância diante da cidade. A região que por muito tempo concentrou o centro financeiro, o comercial e o político, aos poucos foi perdendo a sua vitalidade, passando por um processo de esvaziamento de negócios, moradores e pessoas. Alguns dos motivos que colaboraram para esse cenário foram a concentração de investimentos em outras áreas da cidade, transferência de instituições públicas para outros bairros e mudanças nos polos econômico e comercial. Tal situação contribuiu para a sua degradação social e física, que até pouco tempo carecia de debates e ações sistemáticas.

Desde a década de 80, muitos projetos de requalificação foram realizados no Centro Histórico de Salvador, porém não obtiveram o êxito esperado por não propiciar a sustentabilidade nos âmbitos político, econômico, social e ambiental. Sensibilizados com o valor histórico e cultural que o Centro Histórico representa para a Bahia e para o mundo, os três poderes de governo (União, Estado e Município) se uniram e firmaram acordo, através de um pacto federativo, na elaboração de um projeto que incluisse seu entorno, o Centro Antigo, por concentrar os problemas sociais mais graves.

Dessa forma, o governo do Estado da Bahia estabeleceu parceria com a Unesco e criou o Escritório de Referência do Centro Antigo, unidade da Secretaria de Cultura do Estado, para coordenar a elaboração do Plano de Reabilitação do Centro Antigo com o objetivo de promover uma estratégia de gestão sustentável, abordando as dimensões social, econômica, urbanística e ambiental.

O grande diferencial desse novo projeto é a ampliação da área de intervenção, que se estende a todo o Centro Antigo, região com 67 mil moradores, com quase 10 vezes mais o tamanho da área anteriormente trabalhada, não se restringindo apenas ao Centro Histórico - área tombada e reconhecida como patrimônio da humanidade.

Por meio da instância de participação, denominada de Câmaras Temáticas, é promovido um diálogo transparente entre a comunidade e os setores públicos, que, conjuntamente, apresentam propostas que enriquecem o processo de construção do Plano.

Além de coordenar as ações de todo esse Plano, o Escritório de Referência também atua no fortalecimento de parcerias institucionais e na captação de recursos financeiros junto aos governos estadual e federal e a instituições privadas.

Nos 18 meses de trabalho, foram contabilizados investimentos públicos da ordem de R\$ 230 milhões em habitação de interesse social, infraestrutura, serviços de qualificação de mão-de-obra, manutenção de imóveis históricos e recuperação de monumentos tombados.

Metas alcançadas

Comemoramos a inauguração, em maio deste ano, da primeira etapa de requalificação da iluminação pública do Pelourinho, com a instalação de novos equipamentos, onde foram aplicados recursos no valor de R\$ 1,2 milhão.

Na Vila Nova Esperança, comunidade situada no Centro Histórico, o projeto de urbanização contempla 66 famílias, com recursos da ordem de R\$ 7 milhões, provenientes do PAC. Além das casas, os moradores também serão beneficiados com a construção de equipamentos comunitários, patrocinados pela multinacional Dow Química.

Em parceria com universidades, iniciativa privada e organizações do terceiro setor, promovemos a capacitação de 85 vendedores ambulantes do Centro Histórico, que receberam certificados da Ufba. A expectativa é capacitar mais 80 deles no próximo semestre.

Visão de Futuro

O Plano de Reabilitação concluiu a etapa de diagnósticos e análises, apresentados nas Câmaras Temáticas, e o próximo passo será a divulgação das proposições e estratégias, seguida da publicação do Plano, prevista para novembro deste ano.

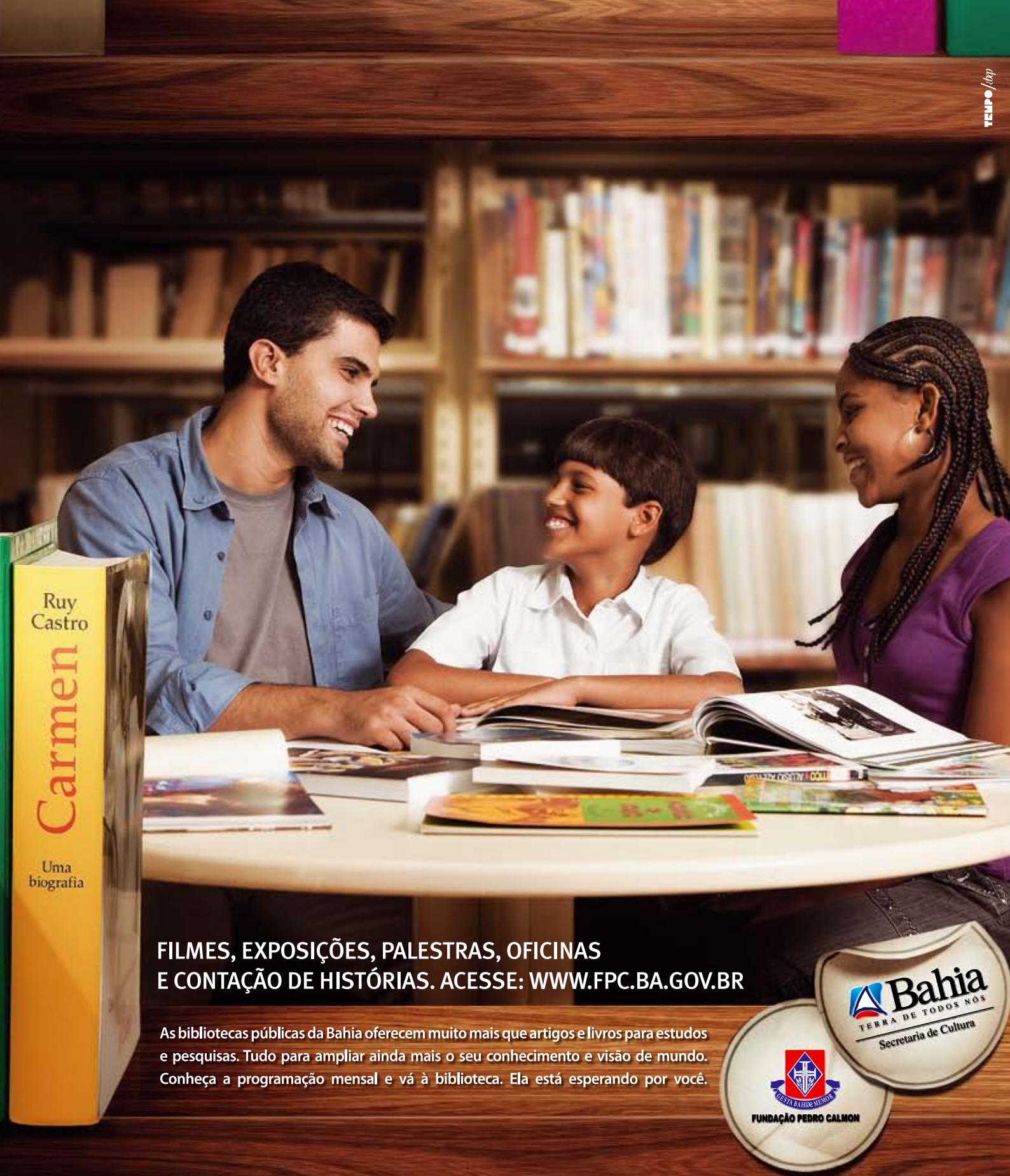
A missão do Plano de Reabilitação é implantar uma estrutura de governança, com um fundo de investimentos e um plano operativo que permita implementá-lo, atendendo às necessidades de quem mora, trabalha, visita e frequenta o Centro Antigo.

A Bahia é uma das referências nacionais da cultura brasileira e o Centro Antigo de Salvador é o espaço físico que mais simboliza a diversidade das expressões artístico-culturais.

O Plano de Reabilitação definirá uma política inclusiva e cultural e abrirá oportunidades para novos investimentos, baseados nas oportunidades de emprego e renda que garantirão a sustentabilidade da região.

Beatriz Lima - Arquiteta e coordenadora do Escritório de Referência do Centro Antigo de Salvador

VÁ À BIBLIOTECA PÚBLICA. LÁ VOCÊ ENCONTRA MUITO MAIS DO QUE IMAGINA.



FILMES, EXPOSIÇÕES, PALESTRAS, OFICINAS
E CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS. ACESSE: WWW.FPC.BA.GOV.BR

As bibliotecas públicas da Bahia oferecem muito mais que artigos e livros para estudos e pesquisas. Tudo para ampliar ainda mais o seu conhecimento e visão de mundo. Conheça a programação mensal e vá à biblioteca. Ela está esperando por você.





CLIPPING EGBA. VOCÊ SEMPRE BEM-INFORMADO.

Informação faz parte do seu dia a dia. E para você ficar por dentro de tudo, o Clipping EGBA reúne todas as notícias importantes do Governo, publicadas nos principais jornais e revistas do estado e do país, em um só produto. Um caderno personalizado, com mais conteúdo, entregue todos os dias nas primeiras horas da manhã, no seu endereço. Ideal para quem precisa estar sempre bem-informado. Faça sua assinatura. | 71 3116-2133 | www.egba.ba.gov.br.

94
ANOS
egba
comunicação de massa

 **Bahia**
TERRA DE TODOS NÓS
Casa Civil